

An abstract graphic consisting of several overlapping, translucent pink ribbons that cross and swirl across the dark background, creating a sense of movement and depth.

ESEG

investigação

Homenagem a Cameira Serra

ESEG INVESTIGAÇÃO

**Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 7 | Julho | 2008

Título: ESEEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial Homenagem a Carneira Serra

Coordenação Editorial: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Comissão Científica: Professores Coordenadores e Doutores da ESEEG

Coordenação Gráfica: Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Edição: Escola Superior de Educação da Guarda

Capa: Humberto Pinto

Nota Biográfica: Isabel Augusto

Tipografia: Marques & Pereira (Guarda)

Depósito Legal: 220917/04

ISSN: 1646-1193

Tiragem: 2000 exemplares

1ª Edição: Julho | 2008

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 * 6300-559 Guarda * Telefone: 271 220 135 * Fax: 271 222 325 * www.ese.ippg.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

Os artigos que compõem este número da *ESEG-Investigação* constituem uma merecida homenagem da Escola Superior de Educação da Guarda ao Doutor Mário Cameira Serra, pela sua longa carreira profissional, em grande medida dedicada a esta escola.

Uma instituição é sempre o reflexo das pessoas que a compõem, por isso esta homenagem é um tributo não só pelo seu vasto *curriculum*, mas também pela marca indelével que, como docente, investigador e, acima de tudo, como Homem deixa na memória dos que com ele compartilharam e ainda partilham experiências e saberes.

Como docente são poucas as palavras para distinguir a forma exemplar como transmitiu aos discentes os seus preceitos; como dirigiu o Departamento de Ciências do Desporto e Educação Física; como presidiu aos órgãos de gestão, nomeadamente ao Conselho Científico e à Assembleia de Representantes; como colaborou na coordenação científico-pedagógica de vários projectos da escola.

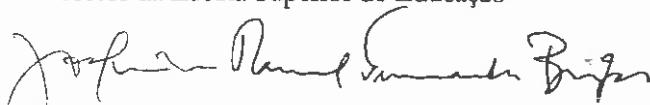
Como investigador realça-se a constante pesquisa para não deixar morrer as tradições beirãs e transmiti-las às novas gerações, figurando no grupo dos ilustres especialistas do distrito, do país e até internacionalmente, na área da antropologia do lúdico.

Afável no trato, respeitador no relacionamento com os colegas, alunos e funcionários, o Doutor Cameira Serra sempre se destacou pela sua capacidade de ouvir.

Com esta edição, fruto da estima, do afecto e da admiração de antigos alunos,

colegas e amigos, a ESEG presta uma justíssima homenagem ao Doutor Mário Cameira Serra.

Director da Escola Superior de Educação



Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Homenagem ao mestre e investigador

Na vida há coisas que se fazem com grande prazer. É um sentimento de gosto que sinto ao fazer a apresentação do professor Doutor Cameira Serra, e dar o testemunho que me pedem.

Tendo limitação de espaço focarei somente aspectos mais salientes sobre o mestre e a pessoa. Como mestre, o Prof. Cameira Serra deu testemunho destas características. É, antes de mais, o sábio, com um saber profundo, alargado. É um saber que é saborear, como a palavra diz. Um saber que é vivência interior a irradiar para o mundo que rodeia. Esta transmissão faz-se propondo conteúdos, abrindo caminhos, indicando tarefas, rasgando horizontes. A sua acção educativa valoriza a interpelação dos discípulos com uma inesgotável expressividade e encantamento. Subindo, todos convergem.

Deste modo o mestre, mais do que transmitir o sabido, procura formar o pensamento pela reflexão, pela estruturação dos modos de ver e de estar, pela descoberta do novo e do desconhecido, pela confiança e esperança, pela valorização do outro.

Esta procura de estruturantes formas de pensar leva o mestre a dinamizar as pessoas e as suas circunstâncias. O verdadeiro professor desfaz barreiras, quebra isolamentos, recusa ignorâncias.

Por todas estas razões, o Prof. Cameira Serra não partiu, continua presente no Departamento que dirigiu e que continua com grande vitalidade. Continua na realização dos seus antigos alunos.

Mas o mestre vale sobretudo pela vida que vive e que se mostra responsável, criativa e dialogante.

A responsabilidade revela-se no modo como dirigiu outros docentes, na forma

sábia com que presidiu ao Conselho Científico, na verdade das suas proposições científicas. Juntemos a tudo isto o seu espírito criativo, numa constante procura do novo, do desconhecido.

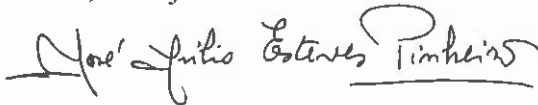
O Prof. Cameira Serra é um homem da abertura, da modernidade. Uma outra característica é a sua capacidade de dialogar com outros saberes, outras visões. Há nele a alteridade, esta capacidade de ir para os outros, sabendo escutar e receber.

Tudo isto exigia que a pessoa estivesse presente, numa atitude existencial transfigurante, numa permanente ligação ao mundo.

Sendo simples era profundo, sendo dialogante era amante do silêncio, sendo imaginativo conservava a força da terra.

Afinal, agora noto que ao escrever este breve testemunho não sou eu, mas a voz de muitos colegas e amigos que lhe desejam as melhores felicidades.

Guarda, 26 de Junho de 2008

A handwritten signature in black ink, reading "José Júlio Esteves Pinheiro". The signature is written in a cursive style with a horizontal line underneath the name.

Júlio Pinheiro

Carta do Achamento do Brasil de Pêro Vaz de Caminha

José Júlio Esteves Pinheiro

Há grandes obras que ficaram na cultura dos povos e na memória colectiva. São textos iniciáticos, fundadores de uma expressão de vida, com preciosas informações, e ao mesmo tempo proféticos porque anunciam o futuro de uma sociedade. Está neste caso a célebre *Carta sobre o achamento do Brasil* de Pêro Vaz de Caminha que ultimamente tem sido muito estudada¹. Trata - se de um documento informador da descoberta de uma parte da costa americana e da fundação de um país com mais de 500 anos de existência. Na síntese de Capristano de Abreu, a *Carta é o diploma natalício lavrado à beira do berço de uma nacionalidade futura*, ou, como diz Hélio Viana, *um Auto de nascimento do Brasil, uma certidão de baptismo*².

Tal achamento *nos fez outros*, como afirma o presidente da República na apresentação da exposição que teve lugar no Palácio de Belém, com o tema *Auto do nascimento, Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha e outros tesouros*³.

Para explicar e analisar uma obra importa situá - la no seu tempo, nas circunstâncias em que nasceu e estabelecer íntimas relações com outros textos que referem o mesmo tema e que de certo modo se completam. Logo a seguir importa esclarecer os aspectos fundamentais do peritexto, sobretudo a identidade

1 - Por motivo do quinto centenário da descoberta das Terras de Vera Cruz houve no ano 2000 vários Colóquios, Congressos e Seminários no Brasil, em Portugal e em outros países da Europa. A *Carta* de Caminha mereceu vários estudos sob os aspectos mais variados. Alguns jornais dedicaram ao Brasil várias páginas como o *Diário de Notícias* que publicou um suplemento: *Brasil, Nova do achamento, 500 anos*, no N° 47827, Ano 136°, 3 de Março de 2000.

2 - Ver Hélio Viana, *História do Brasil*, S. Paulo, Editorial Melhoramentos, 1980.

3 - Esta exposição foi inaugurada em 14 de Dezembro de 1999. Nela foram apresentadas doze pinturas, que são *Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha*. As pinturas depois de apresentadas no Palácio de Belém, estiveram expostas no edifício da Alfândega do Porto entre Fevereiro e Março de 2000.

do autor e a significação do título que normalmente funciona como síntese de conteúdo e abertura de descoberta. Um pouco de história é mesmo indispensável, *de l'histoire, quand même*, como aconselha Genette. Abrindo depois as páginas do livro, há que estudar a estrutura e o conteúdo e de modo particular o tempo e os tempos, o espaço e os espaços, a acção essencial e as acções secundárias. Interessa - nos também a variedade das pessoas, com as suas lutas e fracassos, descobertas e sonhos, admiração e entusiasmo. Subjacente a toda a narrativa há um forte sentimento religioso, com belas expressões litúrgicas e uma atitude profética perante as possibilidades de evangelização das novas gentes.

Para completar a análise há que salientar a sensibilidade do autor, a sua procura de veracidade, a visão do futuro, a expressão literária conseguida, a junção do real e da ficção.

O texto seduz por vários motivos, especialmente pela relação de contrários, procurando na diferença a valorização do outro em toda a sua beleza e bondade, numa natureza plena de magia⁴. O que podemos afirmar é que a *Carta* de Pêro Vaz de Caminha ocupa um lugar cimeiro na literatura de viagens e na história de um país que deu novos mundos ao mundo.

1 - Um Alguns textos sobre o Brasil e o texto da Carta

Foi em 1500 que os portugueses chegaram às terras que depois seriam conhecidas como *Terras de Vera Cruz* e de *Santa Cruz*, como recorda Camões ao afirmar que *De Santa Cruz o nome lhe poreis*⁵. Entre os marinheiros seguia um escrivão que relatou de forma admirável as sensações experimentadas numa

4 - José Manuel Garcia, «Apresentação» in Jaime Cortesão, *Obras Completas, Vol. 7 - A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa, INCM., 1994, p. 9. Importa salientar que este estudo de Jaime Cortesão é certamente um dos melhores já foram realizados. Sempre que citarmos a *Carta* utilizamos esta edição por a julgarmos a melhor. Nas citações não precisamos a página por ser muito fácil a identificação.

5 - Ver *Os Lusíadas*, canto X, estância 14.

Carta enviada ao Rei D. Manuel. Trouxe a *Carta* Gaspar de Lemos num barco que em 1 de Maio deixou as terras descobertas rumo a Portugal. Esta *Carta* sobre o achamento do Brasil é um documento de inegável valor que nos informa acerca da visão maravilhosa de naturezas diferentes e do encontro com povos de culturas desconhecidas. Tal facto fez que o povo português alargasse os horizontes possíveis e assim se descobrisse, descobrindo o outro.

Outros documentos possuímos que nos relatam alguns aspectos diferenciados. Há uma a *Carta* da autoria do Mestre João, redigida em Porto Seguro a 1 de Maio de 1500⁶. Este Mestre João era um físico que sabia utilizar o astrolábio e por isso nos deixou observações astronómicas e desenhada com bastante pormenor a Constelação do Cruzeiro do Sul. No mapa que elaborou podemos ver a ilha descoberta

Há ainda uma *Relação de um piloto anónimo* da armada e que apareceu primeiramente em italiano e só mais tarde em português⁷. Merecem ainda atenção as *Cartas* de Américo Vespúcio, de La Faitada, de Pisani à Senhoria de Veneza e de D. Manuel aos reis católicos de Espanha. Em 26 de Junho do ano seguinte, 1501, após o regresso de Cabral da Índia, Giovanni Francesco Affaitadi envia ao embaixador veneziano em Madrid, Domenico Pisani uma *Carta* sobre o Brasil que é cognominado como terra de papagaios.

Mais tarde apareceram outras informações escritas por Hans Staden, André Thevet, Jean de Léry, João António Andreoni, Claude de Abbeville Também escreveram sobre as maravilhas e o exotismo do Brasil Fernão Dias Paes, Frei Manoel Calado. Ao lado destes testemunhos é possível encontrar alguns

6 - Ver a este propósito *Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à Viagem de Pedro Álvares Cabral*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940. A *Carta* de Pêro Vaz de Caminha é o documento VI e a *Carta* de Mestre João é o documento VII. A edição é da responsabilidade de A. Fontoura da Costa.

7 - Em italiano foi publicada em *Delle navigatione et viaggi, raccolta*, Ramusio, vol. I, 1550. Em português apareceu em *Notícias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, vol. II com o título de *Navegação de Pedro Álvares Cabral*.

documentos anónimos.

Merece - nos particular atenção o aventureiro Jean de Lery cuja *História de uma viagem às terras do Brasil* foi publicada em França, sendo a apresentação da responsabilidade de Lévi - Strauss. O autor de *Tristes Tropiques* encontra algumas semelhanças entre a sua vida e a vida do francês do século XVI. A obra despertou grande aplauso a alguns estudiosos. Jean de Lery era sapateiro e viveu na Borgonha, tendo - se convertido ao protestantismo. Tal facto levou - o a procurar o exílio em Genebra pelo ano de 1556. Lery deslocou - se depois para o Brasil . Perante esse novo mundo pensou ser possível fazer reinar a paz entre católicos e protestantes na França Antártida do Brasil, isto é na colónia implantada por Coligny em 1555 e situada à entrada do Rio de Janeiro. A esta França se refere também Montaigne. Depois de ter passado algum tempo no Rio, volta a Genebra tendo publicado posteriormente o seu livro sobre as impressões que lhe causara o Brasil, com esse *frescor de olhar* que mais tarde haveria de seduzir Levi - Strauss⁸.

Um outro francês 1que escreveu sobre o Brasil foi Claude d'Abbeville. Em certo momento da sua vida deixa Rouen para passar quatro anos no Maranhão, região colonizada por Ravardière com o fim de aí estabelecer a chamada *França Equinocial* por ordem de Maria de Medicis. Da sua vida com os índios deixou - nos um saboroso relato, dando - nos a conhecer os seus modos de vida, relacionamentos, tradições e costumes⁹.

Importa salientar que a maior parte dos documentos sobre o Brasil de que temos conhecimento são bastante posteriores à descoberta. Sobre os primeiros

8 - Ver a este propósito «*História de uma viagem às terras do Brasil é relançada em França*», in *Estado de S. Paulo*, 14 - 12 - 1994.

9 - Oswald de Andrade no seu 3º Ciclo modernista escreveu um poema intitulado *O Capuchinho Claude d'Abbeville*. Neste poema estabelece uma relação entre as índias de então com lábios furados e se enfeitam com pedaços de madeira e as mulheres de hoje que têm as orelhas furadas e se enfeitam com pérolas e diamantes. Ver *Poesias Reunidas*, pp. 75 - 76.

contactos com o Brasil restam poucos testemunhos, como acabámos de ver, talvez por causa da política de segredo, da incúria dos homens e das próprias agressões da natureza, de que é exemplo o terramoto de 1755 seguido de incêndios devoradores. Todos estes factos contribuíram para que se perdessem muitas fontes documentais escritas e até alguns lugares de memória.

Apesar de tantas dificuldades e oposições ficou - nos, no entanto, essa maravilhosa *Carta* de Pêro Vaz de Caminha com a sua história e alguns problemas que ainda hoje continuam a perturbar os investigadores.

2 - A Carta e o seu autor

A *Carta* é composta de 7 folhas, cada uma com 4 páginas. Ao todo são portanto 28 páginas, sendo 27 de texto e uma de endereço. Tem o formato de 296/299 mm. A escrita pertence ao período fonético. A letra é *cursiva processual, degeneração da cursiva cortesã, isto é traçada mais corrente cálamo*, como recorda Jaime Cortesão.

A *Carta* tem uma história curiosa. Teria dado *entrada na Torre do Tombo com a avalanche de originais enviados da Secretaria de Estado no tempo do Guarda - mor Damião de Góis [...], parecendo até datar a sua cota do século XVII*¹⁰. Sabe - se que em 1765 já estava nas gavetas e em 1773 foi feita uma cópia por ordem do Guarda - Mor da Torre do Tombo¹¹. No século XVIII foi redescoberta pelo guarda - mor da Torre do Tombo, Seabra da Silva. Em 1785 o historiador espanhol Juan Bautista Muñoz fez um extracto. Só em 1817 é que o Padre Manuel Aires Cabral mandou fazer no Rio de Janeiro a publicação integral do documento, sendo

10 - António Baião, *Os Sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa,, referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940, p. 63.

11 - Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, *Pêro Vaz de Caminha, Carta do descobrimento da terra nova*, gaveta 8ª, maço 2, nº 8.

inserido na sua *Corografia Brasílica*. Para o seu trabalho utilizou uma cópia do original, existente no arquivo Real da Marinha. A edição portuguesa é de 1826 e foi publicada pela Academia das Ciências de Lisboa¹². Seguem - se depois as edições de 1829, 1853, 1892. Em 1943 aparece uma edição da responsabilidade de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos¹³. Ultimamente têm aparecido várias edições comentadas, sendo de salientar o trabalho de Jaime Cortesão¹⁴. No Brasil é bem conhecido o esforço de análise de Capistrano de Abreu., defendendo com sabedoria , síntese e perspicácia a autenticidade da *Carta*. No estrangeiro o texto passou a ser conhecido através de traduções de investigadores amantes do mundo lusófono. Ferdinand Denis traduziu para francês, Robert Southey para inglês, Alexandre de Humboldt para alemão. Se sobre a *Carta* houve algumas dúvidas, muitas mais perduram sobre a personalidade do autor.

Na realidade, não há muitas certezas sobre a vida do autor da *Carta*, Pêro Vaz de Caminha que seguia na nau capitaina ao lado de Pêro Álvares Cabral. Supõe - se que teria nascido no Porto, cuja região conhecia , pois compara os ares das novas terras com os ares da região Entre Douro e Minho. Nesta região passou parte da sua vida. Era filho de Vasco Fernandes Caminha, burguês e homem culto que teria servido como cavaleiro D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I. Fora também mestre da Balança da Moeda do Porto. Com 30 anos Caminha ocupa o lugar do pai na Balança da Moeda. Deve ter combatido na batalha do Toro . Teria casado com Catarina Vaz Caminha de quem teve uma filha e mais tarde três netos. Teria passado algum tempo em África, pois faz comparações com os negros do continente cujas costas os portugueses procuravam desvendar

12 - Academia das Ciências de Lisboa, *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas*, nº 3, tomo IV, Lisboa, 1926.

13 - Ver *O Brasil de hoje*, vol. 1 , (Major Alexandre de Moraes), Lisboa, Ed. Universo, 1943. pp.261 - 284.

14 - Jaime Cortesão, *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa, Portugalá, 1967. Há uma edição mais recente editada pela INCM.

há muito tempo. Foi escrivão na feitoria de Calecute para onde fora enviado por D. Manuel. Há portanto poucas exactidões sobre a vida de Caminha.

Sabemos, no entanto, que foi *educado no sentimento da dignidade humana e da independência cívica, [...] excelente cidadão, capaz de discernir e dar voz às necessidades colectivas*, como salienta Jaime Cortesão. Era um homem de bom senso e delicado que vê nos índios de Porto Seguro *uma humanidade igual à sua*. Revelava - se ao mesmo tempo um homem voluntarioso, amante da liberdade. Como escreve Jaime Cortesão foi conquistando liberdades *palmo a palmo, em luta armada contra os seus bispos, de quem a cidade fora senhorio feudal e contra os turbulentos fidalgos de entre Douro e Minho*.

Na corte era bem aceite, sendo chamado por vezes aos Paços da Rollaçam, para dar o seu parecer sobre questões de maior interesse. Entre 1488 e 1498 chega a subscrever as respectivas actas das sessões. Foi também um dos redactores de um conjunto de necessidades que a cidade do Porto apresentou nas Cortes de Lisboa. Na missiva enviada ao rei não dá mostras de grande cultura, nem a *Carta* se proporcionava a tal.

A sua morte está envolta em mistério. *Morreu na Índia, quando os mouros assaltaram a feitoria de Calicute em 16 de Dezembro de 1500 [...], ou em Socotorá envenenado no tempo do tirano Cajestar, que lhe fez dar peçonha*¹⁵. Conhecidos alguns aspectos do autor da *Carta*, importa debruçar - nos agora sobre o título completo da mesma *Carta*.

Caminha vê o seu documento como uma *Carta*. Trata - se realmente de uma *Carta* individual com algo de pessoal, pois o autor da missiva termina com um pedido em favor do seu genro Jorge d' Osório que se encontra degredado em S. Tomé. É individual como as *Cartas para El - Rei* escritas por Afonso de

15 - *As grandes viagens portuguesas*, (selecção, prefácio e notas de Branquinho da Fonseca), Lisboa, Portugalia Editora, s/d, p.96.

Albuquerque, as cinco *Cartas* de Camões enviadas de Lisboa, de Ceuta e da Índia e as *Cartas* de D. Jerónimo Osório, bispo de Silves. É ao mesmo tempo uma *Carta* comunitária pois tem algo de crónica, ensaio, artigo, apontamento, como as *Cartas sobre a história de Portugal* escritas por Alexandre Herculano, ou as *Cartas de Inglaterra* legadas por Eça de Queirós¹⁶.

Para melhor compreender a *Carta* importa situá-la no conjunto de outras *Cartas* legadas por escritores lusos. A *Carta* é um género literário que nunca foi do agrado dos portugueses. Por um lado a *Carta* é fruto de uma convivência social requintada, que não nos caracteriza e por outro lado o quotidiano não é digno de realce, não interessa como obra de arte. Junte-se a estas razões outras duas que distinguem o género epistolar, a saber a questão do segredo e o facto de sermos um povo de crítica inconsistente e então compreenderemos a irrelevância desta modalidade literária. Apesar de tudo houve alguns escritores que se notabilizaram pelas *Cartas* que legaram à posteridade. No século XVIII salientaram-se Cavaleiro de Oliveira, António da Costa, Francisco Xavier de Oliveira, Marquesa de Adorna, Soror Mariana Alcoforado. No século XIX distinguiram-se Oliveira Martins, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, Antero de Quental, Eça de Queirós, Sá Carneiro¹⁷.

Uma palavra utilizada no título da *Carta* e que tem levantado algumas questões é *achamento*. No início do século XVI, a palavra «achamento» é pouco comum, é mesmo rara, como recorda Jaime Cortesão. Com *achar* usava-se também *buscar*. *Descobrimto* é utilizado sobretudo para designar uma acção heróica, inovadora na prática ou na ciência. Torna-se comum após a aventura da Índia realizada por Vasco da Gama com as inovações que se lhe seguiram. Com este substantivo o autor queria dizer que se tinha encontrado uma terra da

16 - Entre as *Cartas* comunitárias poderíamos salientar as Epístolas de S. Paulo, e *Les Lettres Persannes* de Montesquieu. Por uma questão de utilidade e de relação comparativa ficamos somente no âmbito da literatura portuguesa.

17 - Ver a este propósito Andréa Cabrée Rocha, *A epistolografia em Portugal*, Coimbra, Coimbra Editora, 1965.

qual já se tinha conhecimento, mas cuja localização se houvera perdido? Antenor Nascentes recorda *que achar* deriva de *aflare* (*cheirar*) e no sentido corrente teria derivado do verbo muito usado na caça. Por sua vez Caldas Aulette ordena alguns significados de achar como *achar por acaso ou procurando e reconhecer, verificar*.

*A questão da utilização dos termos «achamento» e «descobrimento» tem suscitado discussões entre os historiadores portugueses*¹⁸. Curiosamente o termo *achamento* leva - nos inclusivamente à questão que tem preocupado desde sempre os estudiosos do descobrimento do Brasil, a saber se tudo foi efeito de mera sorte, ou bem intencional.

3 - Casualidade ou intencionalidade

Pelos significados etimológicos já descritos, a designação de *achamento* pode ajudar - nos a confirmar a hipótese de que o Brasil seria conhecido pelos marinheiros portugueses muito antes da chegada de Pedro Álvares Cabral. Desta opinião é Carolina Michaëlis de Vasconcelos ao defender que achar é buscar de propósito. Manoel de Sousa Pinto é de opinião contrária, pois vê no verbo achar uma conotação de casualidade.

Muitos acreditam com Frédéric Mauro que os portugueses tenham conhecido a América antes de 1500 e *tenham mesmo chegado a desembarcar*¹⁹. Bartolomeu Dias teria já chegado às terras da América do Sul. e Corte Real teria também já visto terras além - Atlântico. No seu *Esmeraldo de Situ Orbis* Duarte Pacheco Pereira sugere o conhecimento de uma terra firme que se estende a 70° de latitude contra o polo ártico e em 28 de latitude contra o polo antártico. O acordo

18 - Beatriz Vasconcelos Franzen, «*A presença portuguesa no Brasil antes de 1500. O «Achamento» e o «Descobrimento» do Brasil*», in *Estudos Leopoldenses - Série História*, Vol. 1 - Nº 01 -1977, p.98.

19 - ver Frédéric Mauro, «*A era de Vasco da Gama*», in *Diário de Notícias - Descobrimtos*, 15 de Abril de 1992, pp. 26 - 30.

estabelecido no Tratado de Tordesilhas parece confirmar esta suposição. Só deste modo se pode compreender a exigência de que ficassem para Portugal as terras a descobrir até 370 léguas a oeste de Cabo Verde, quando anteriormente a Bula de Alexandre VI estabelecia 100 léguas a contar do extremo ocidental das mesmas ilhas.

Se os navios se desviaram muito para oeste, por causa do Cabo Bojador e da ausência de ventos, tal facto tanto pode resultar de um mero acaso, como de um procedimento bem determinado. Bem observadas as coisas não é de aceitar facilmente que uma tempestade tenha levado os navios para as costas do novo continente como parece sugerir Gil Vicente em *Triunfo do Inverno*.

*Leivas viagem gentil
 Não vades com ventos largos
 Cair nos baixos cos pargos
 Nessa costa do Brasil*

Num interessante artigo publicado na Revista *Oceanos* o autor refuta esta hipótese afirmando simplesmente que os navios chegam juntos, o que não é normal em caso de tempestade na imensidade do Oceano²⁰. Caminha não teria deixado de anotar a intempérie como o fez, após o desaparecimento do um barco nas águas de Cabo Verde. Diz logo a seguir que *assim seguimos nosso caminho por este mar, de longo*, sem falar de tempestades .

Outras foram as razões para a armada seguir outro caminho. Se houve uma possível modificação de rumo não sabemos se *a iniciativa se ficou a dever à exclusiva*

20 - Luís da Câmara Cascudo, *Dois ensaios de história*, Natal, Imprensa Universitária do Rio Grande do Norte, 1965, pp. 31 - 32.

responsabilidade do capitão - mor ou se terá resultado de ordens régias confidenciais²¹. Entende - se que, se houve alguma sugestão régia a Cabral, como tudo induz a crer, ela foi evidentemente reservada²².

Pelas razões apontadas, cremos que o descobrimento do Brasil não foi ocasional, mas intencional e bem preparado, embora ainda hoje muitos estudiosos se inclinam para a hipótese de uma *découverte fortuite*, como Jean Fayard. Num capítulo que intitula *Temps des portugais* e no qual salienta a fronteira que marcou o Tratado de Tordesilhas acrescenta que *Cette frontière mettra bientôt le Brésil dans l'orbite des Portugais [...] Le Portugal exploitera très vite sa chance*²³.

Outros historiadores, defendem, todavia, a tese da intencionalidade. Está neste caso Luís da Câmara Cascudo. A descoberta do novo continente não provocou grande entusiasmo nos marinheiros, como podemos ver na *Carta* de Pêro Vaz de Caminha. A este propósito Oliveira Marques elabora esta síntese: *Descrições contemporâneas mostram que a descoberta do Brasil não suscitou admiração de maior. É óbvio que se sabia da existência de terras algures nessa área, o que explica o pormenor da 370 léguas no Tratado de Tordesilhas*²⁴.

Um outro problema diz respeito à prioridade da descoberta do Brasil. Não faltam críticos que defendem terem sido os espanhóis os que chegaram em primeiro lugar às terras abordadas mais tarde por Cabral. *Os espanhóis tiveram a prioridade histórica e cronológica no descobrimento do Brasil*, escreve João Ribeiro, que tece considerações sobre Janez Pinzon e Diego de Leppe como primeiros descobridores do Brasil²⁵. Entre autores espanhóis é frequente esta opinião, o

21 - Ver Jorge Couto, «A expedição cabralina: Casualidade versus Intencionalidade», in *Oceanos - O Achamento do Brasil*, nº39, Junho / Setembro, 1999 pp. 18 a 33. Ler ainda na mesma Revista o artigo de Ana Maria Azevedo *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*.

22 - Damião Peres, *O Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral*, Porto, Portucalense Editora, 1949, p.127.

23 - Jean Favier, *Les grandes découvertes*, Paris, Fayard, 1991, pp. 593, 551 e 572.

24 - A . H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1975 , p. 315.

25 - João Ribeiro, *História do Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1953, p. 31.

que se compreende facilmente. *Vicente Yáñez Pinzón arribó a estos terrenos [...] Cabral llegó unos meses después que Pinzón desembarcando más al S., en Porto Seguro*²⁶. Damião Peres já estudou este assunto de modo bastante exaustivo. Depois de referir a hipótese de Vespúcio, Pinzon e Lepe terem feito *o descobrimento de regiões setentrionais brasileiras antes de Cabral abordar o Brasil* conclui *pela insegurança dos fundamentos alegados a favor de tais descobrimentos pré - cabralinos*²⁷. Rocha Pombo na sua *História do Brasil* salienta que *em Lisboa não produziu a notícia nenhuma sensação* e acrescenta que não vale a pena discutir este problema, *pois o feito do navegante português é o único que tem autenticidade histórica*²⁸. Na obra *O descobrimento do Brasil* temos uma análise das pretensões francesas, espanholas e portuguesas sobre a descoberta do Brasil²⁹. Mesmo que fosse fortuita a descoberta seria bom recordar o que escreve James Joice na sua obra *Ulisses* publicada em 1922: *O homem de génio não se engana. Os seus erros são voluntários e abrem as grandes portas da descoberta*.

Para além da discussão destes problemas importa descermos agora ao estudo aprofundado da época em que foi escrita a Carta, para melhor compreender o seu conteúdo.

4 - O Portugal de quinhentos

A viagem de Pedro Álvares Cabral não pode ser separada da situação do país na época de quinhentos, da força da monarquia, dos problemas sociais. A vida desenrolava - se com um esforço enorme há muito levado a cabo pelos

26 - Maria del Carmen Ruiz Gómez, « Brasil », in *Enciclopédia de la Cultura española*, tomo I, Madrid, Editora Nacional, 1963, p. 863.

27 - Damião Peres, *O Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral*, Lisboa, 1968. Merece particular atenção o capítulo III.

28 - Rocha Pombo, *História do Brasil*, S. Paulo, Edições Melhoramentos, p. 23.

29 - *O Descobrimento do Brasil*, Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, Anuário do Brasil, 1929, pp. 11 - 64.

portugueses, para desvendar oceanos desconhecidos e contactar terras africanas banhadas pelo Atlântico.

Portugal está em grandes mudanças. D. Manuel, que governa em Portugal desde 1495 e 1521, ficou na história como rei *venturoso* e Damião de Góis dá - lhe mesmo o cognome de *felicíssimo*. Feliz foi logo ao nascer em 31 de Maio de 1469, dia da festa do Corpo de Deus e no momento em que a procissão eucarística passa junto do Paço Real em Alcochete. O nome que lhe foi dado, Emanuel, significa Deus conosco. Por não ter mais que um filho que morreu de desastre o rei D. João II designa como seu sucessor o *meu muito amado e prezado primo*. D. Manuel sobe ao trono em 26 de Outubro de 1495, no dia imediato ao da morte de D. João II.

Desejando casar com a princesa Isabel, viuva de D. Afonso, filha dos reis católicos de Castela, vê - se obrigado a decretar a conversão forçada do povo hebreu, não satisfazendo completamente a vontade dos sogros que exigiam a expulsão dos judeus. D. Isabel morre ao dar à luz D. Miguel da Paz que só viveu dois anos. Casa com outra princesa espanhola Dona Maria que morre e mais tarde. Por último o rei casa com D. Leonor. O problema do povo hebreu ocupou muito D. Manuel. Alguns judeus são *baptizados em pé* e passam a ser vistos como cristãos - novos. Os mouros vivem o mesmo problema de uma conversão forçada. As sinagogas e mesquitas vão desaparecendo. Alguns judeus e mouros ficam em território nacional, servindo mesmo na Corte a rainha D. Leonor, onde são essencialmente músicos ou médicos.

Em Lisboa vêem - se também escravos que são trazidos de África para trabalhos mais duros. A justiça é exercida sem piedade. A sociedade está hierarquizada com classes, corporações, confrarias, irmandades. Continuam a distinguir - se algumas famílias nobres a que se vinha juntando uma nova burguesia.

A actividade no país é imensa. Fundam - se as misericórdias. Implanta - se a tipografia em algumas cidades. Reformam - se os Estudos Gerais, os tribunais

superiores, os forais, os direitos alfandegários.

A grande preocupação continua a ser o descobrimento de novas terras, consolidando algumas posições já adquiridas ao longo das costa africana. *No século XV, os marinheiros portugueses, sob a direcção de Henrique, o Navegador, tinham precedido todos os outros ao longo da costa de África e dobrando o Cabo na rota da Índia, tinham fundado um império no litoral africano que sobreviveu até aos nossos dias*³⁰.

Logo que chegou Vasco da Gama a Lisboa, depois da aventura da descoberta do caminho marítimo para a Índia, o rei português pensou logo enviar uma segunda armada. Não demoviam o rei as dificuldades sentidas, a morte de um terço dos marinheiros, entre eles o comandante da nau S. Rafael, Paulo da Gama, facto que atrasara a chegada do Almirante - Mor a Lisboa em 8 de Setembro de 1499.

Os motivos de alegria eram maiores do que as dores sofridas. Vasco da Gama recebe o título de almirante, pode utilizar o título de *Dom* e tem promessas de condado. O rei pensa fundar igrejas e mosteiros como forma de congratulação. Não descarta de modo algum os lucros económicos que poderá alcançar pelo comércio de especiarias que julga seu, pois, como diz André Corvisier, *le roi du Portugal s'arroge le monopole des épices*³¹.

O monarca português manda preparar uma grande armada, fabricando treze navios com *pinhais a haver*, na metáfora de Fernando Pessoa³². Tudo era planeado com o máximo cuidado a nível humano, científico e político. *L'entreprise portugaise était une oeuvre nationale, exigeant une solide planification*, salienta Daniel Boorstin³³.

Fixemos agora a nossa atenção sobre os personagens, especialmente o capitão da armada.

30 - George Macaulay Frerebyan, *História de Inglaterra*, Lisboa, Edições Cosmos, 1945, p. 324.

31 - André Corvisier, *Précis d'Histoire Moderne*, Paris, PUF, 1971, p. 48.

32 - Fernando Pessoa, *Obra poética*, Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1972, p.73.

33 - Daniel Boorstin, *Les découvreurs*, Paris, Robert Laffont, 1968, p. 139.

5 - Pedro Álvares Cabral e outros personagens

Na obra há que prestar atenção ao dinamismo das pessoas que seguiam na armada, aos tempos vividos, aos espaços ocupados. Ao rei impunha - se descobrir , antes de mais, um capitão capaz de realizar a missão que lhe seria confiada. Para comandar a poderosa armada é escolhido Pedro Álvares Cabral.

Como é habitual nò que se refere a pessoas do tempo não temos elementos sólidos, conhecimentos exactos sobre alguns aspectos da vida e acção de Cabral. Dele pouco sabemos. Ignoramos as razões que o levaram ao paço, questionamo - nos se descobriu o Brasil por sorte ou intenção, duvidamos sobre o que lhe aconteceu após o regresso do Oriente. O próprio nome é motivo de reflexão pois até 1500 o capitão aparece com o nome de Pedro Álvares de Gouveia.

Cabral era filho de Fernão Cabral, senhor de Azurara e herdeiro vitalício de Belmonte desde o reinado de D. Afonso V. Casou com D. Isabel de Gouveia, filha de João de Gouveia, que tinha riquezas em Castelo Rodrigo, Almendra, Castelo Bom e Valhelhas. Deste casamento nasceram 11 filhos, seis raparigas e cinco rapazes. O segundo filho foi Pedro Álvares Cabral nascido em 1467 ou 1468. Cabral pertencia a uma família ilustre, segundo o testemunho de Adolpho Varnhagen, escrito há cerca de 135 anos. Max Justo Guedes diz que a sua família remontava às origens do reino, tendo um seu antepassado, trisavô, Álvares Gil Cabral lutado junto do Mestre de Avis.

Temos como certo que nasceu na vila de Belmonte, situada nos flancos da Estrela, entre a Guarda e a Covilhã. Etimologicamente Belmonte quer dizer monte da guerra e a testemunhá - lo existe uma construção dos tempos romanos, objecto da curiosidade de cientistas nacionais e estrangeiros. Importa notar com o devido relevo a terra onde nasceu Cabral, porque o importante na vida de uma pessoa não é local onde se morre, mas o pedaço de terra onde se nasce, se dá o primeiro passo e se balbuciam as primeiras palavras. Os antigos sabiam - no bem e por isso a terra servia muitas vezes para identificar uma pessoa. José de

Arimateia, figura bíblica bem conhecida, distingue - se de outras pessoas com o mesmo nome pela designação da terra de nascimento e Maria Madalena chama - se assim porque nasceu em Magdala. Cabral deveria aparecer mais associado à terra que o viu nascer. Verificamos que ultimamente se está a esquecer um pouco o espaço onde o descobridor do Brasil viu a luz do dia, com tudo o que fisicamente tem de realismo e de apelo. A seus pés sentimos o sussurrar das águas do Zêzere e os olhos enchem - se da grandeza dos montes altaneiros da Estrela. Os contrafortes dos Montes Hermínios não são um limite à visão espacial, mas antes um factor de sonho e desafio. Para lá dos cimos nevados a imaginação criava outras terras e outros espaços talvez infinitos. Ora nós sabemos com Ortega e Gasset que o homem é ele e a sua circunstância quer física, quer psicológica. Não podemos esquecer parafraseando Chateaubriand, que se cada homem tem a sua pátria jurídica, tem igualmente a sua matéria que é o pedaço de terra onde nasceu.

No Renascimento pensava - se certamente na contribuição dos factores físicos e humanos para a dinamização da pessoa e das acções. A Cabral chamaram *gigante da Beira*. Sendo da Beira, teria certamente a grandeza física de que deram prova os pastores que lutaram contra os romanos e os combatentes que sempre defenderam a independência nacional. O grito de *alma até Almeida* sintetiza um apelo à persistência e coragem. Sendo da Beira, Cabral encontrava - se à beira de, em permanente inquietação, sempre pronto a desvendar um horizonte desconhecido.

O capitão tem a sua vida envolta em certo mistério. Supõe - se que teria sido indicado ao rei pelo próprio Vasco da Gama, quando o novo Capitão - Mor estava na plenitude das suas faculdades, pois tinha 32 anos.

Supõe - se que terá combatido em África e navegado no golfo da Guiné, segundo Joaquim Romero Magalhães. Nesse espaço e tempo teria dado provas de competência militar, tacto político e qualidades de comerciante. O que sabemos é que teve com seu irmão mais velho João Fernandes Cabral uma tença de 26

mil reais, atribuída pelo rei D. João II.

Casou com D. Isabel de Castro, sobrinha do grande Afonso de Albuquerque, neta do primeiro conde de Atouguia e trineta de dois reis.

O valor de Cabral devia ser imenso. A comprová-lo está a homilia que D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta e mais tarde bispo de Viseu pronunciou na ermida do Restelo, na partida da armada para a Índia. Segundo Castanheda *a maior parte da pregação [...] foram louvores de Pedro Álvares Cabral por aceitar aquela ida. Na hora da partida D. Manuel teve o capitão - mor a seu lado e ofereceu - lhe um barrete vermelho benzido pelo Papa.*

O importante é que ficará na história como o descobridor do Brasil, aureolado de virtudes e digno da mais alta consideração. Um grande escritor espanhol, Lope de Vega criou uma peça de teatro em que uma donzela com o nome de Brasil proclama :

*Pero aquel portugués, valor del mundo
Que dio principio á tan notable
Hazaña³⁴,*

Pela leitura da Carta de Caminha admitimos que Cabral é um personagem de carácter muito forte e que se faz obedecer. Por vezes é mesmo tempestuoso, como posteriormente vai testemunhar na batalha de Calecute. Tal facto não impede que saiba dialogar com os outros capitães que consulta e sabe ouvir até estabelecer um consenso. *Per mandado do capitão vêm à sua nau.* Para mandar a *Carta preguntou assi a todos.* Vive momentos de grande amizade com os índios, chegando a dançar com eles. Compete - lhe fazer aliança com o Samorim de Calecute, organizar boas relações comerciais e propagar a fé cristã.

Segundo João de Barros era *homem de muitos primores acerca de pontos de honra.*

34 - Lope de Vega, *Comédias americanas*, Buenos Aires, Ed. Poseidon, 1943, p. 183.

Por isso se compreende que tendo sido convidado para chefiar nova armada, recusou tal convite quando soube que cinco navios redondos seguiam sob a responsabilidade de Vicente Sodré, tio de Vasco da Gama. Relatando este episódio, Castanheda é de opinião diferente, afirmando que foi o rei que mudou de opinião por *alguns justos suspeitos*. Talvez o rei repensasse o pouco sucesso da armada que comandou Cabral, pois regressou só com seis barcos, muitos homens perdidos e poucos resultados de ordem económica e diplomática, não tendo conseguido pôr em prática *uma doutrina político - estratégica* para o Índico de que fala Luís Adão da Fonseca.

As relações posteriores com o monarca estão por esclarecer. Afonso de Albuquerque ainda procurou um entendimento. Cabral teve uma tença de 200 mil reis, mas perdeu a intimidade com D. Manuel. Passou depois a sua vida em Santarém, recolhido consigo mesmo.

Voltando à análise da Carta verificamos que a sua actuação se caracteriza por uma constante presença nos momentos principais e por uma grande capacidade de comando e decisão. Ao monte que avista de longe põe o nome de Monte Pascoal. Ele *manda ir à cruz* e Nicolau Coelho refere simplesmente que o *capitão mandou*. Fala com o velho, sem se entenderem como é lógico. Aparece sentado, bem vestido, de colar ao peito, sinal exterior da sua grandeza. Sabe ouvir os capitães e estabelecer o consenso. *Per mandado do capitão vêm à sua nau*. Para mandar a *Carta* *preguntou assi a todos*.

No seu comportamento com o outro notam - se os elementos estruturantes de uma relação ao mesmo tempo digna e significativa. Há a demarcação de um espaço, a valorização do traço e de outros adornos, a comitiva que realça o poder, a troca ritual de presentes, o assento como identificação de um chefe, a função do comer e do beber e as saudações³⁵.

35 - Ver a este propósito Maria Helena Buescu, *Ensaio de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1985, p.40.

Cabral terá vivido em Santarém desde 1509, vindo a morrer entre 1518 e 1520, ficando sepultado na Igreja da Graça da mesma cidade. A viuva e os seus dois filhos António e Fernão foram agraciados com tenças reais em recompensa dos trabalhos de Álvares Cabral.

Juntamente com o Capitão - Mor seguem na armada algumas centenas de pessoas com funções variadas. Desconhece - se o número total e em muitos casos os nomes. Há quem suponha que iam embarcados 1200. Viegas Guerreiro sustenta que eram *Mais de 1000 soldados, marinheiros, religiosos, funcionários, ao todo 1500*³⁶. Afrânio Peixoto fala de 1500 homens que seguiam embarcados. As informações concretas escasseiam muito, porque *as navegações portuguesas e castelhanas eram segredo de Estado*³⁷.

Seguiam pessoas variadas, com múltiplas funções . Começamos pelos capitães. Além do capitão - Mor, encontramos citados na *Carta* uns oito. Sancho de Tovar é Vice - Almirante. Vasco de Ataíde perde - se e desaparece em Cabo Verde. Nicolau Coelho que comandara a nau Bérrio na primeira viagem à Índia manda pousar os arcos e as setas. Bartolomeu Dias, já coberto de glória vai também a comandar um navio. Seu irmão Diogo Dias, Aires Correa, Simão Miranda e Aires Gomes aparecem - nos a estabelecer relações com os índios. Os outros capitães que não são mencionados na *Carta* eram: Gaspar de Lemos, Nuno Leitão da Cunha, Pêro de Ataíde, Luís Pires e Simão de Pina. Na passagem do cabo das Tormentas viriam a desaparecer Bartolomeu Dias, Aires Gomes, Zimão de Pina e Luís Pires.

Viajavam, como era evidente, pilotos avisados com grandes conhecimentos científicos. A eles competia vigiar os perigos dos oceanos, saber ancorar, conhecer

36 - *Pêro Vaz de Caminha, Carta a el - rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil*, (Introdução, actualização do texto e notas de M. Viegas Guerreiro), Lisboa, INCM, 1742, p.13 .

37 - Afrânio Peixoto, *História do Brasil*, Porto, Lello & Irmão, 1940, p. 44.

as correntes, adivinhar os sistemas dos ventos, interpretar os ritmos das ondas. Pelas estrelas traçavam as rotas seguras, para evitarem derrotas. Depois de chegar perto dos locais desejados os pilotos são os primeiros a ir a terra em pequenas barcaças, os primeiros a falar e a contactar, como testemunha Pêro Escobar e Afonso Lopez. Pêro Escobar que fora na nau Bérrio na primeira viagem à Índia vai agora na nau capitaina.

Encontramos também marinheiros com variadas profissões, todas necessárias para o bom funcionamento de um navio. Não faltam os soldados com força defensiva e alguns comerciantes. Levam alguns condenados que serão utilizados para missões mais arriscadas, como aconteceu depois em terras do Brasil. São úteis alguns intérpretes como Gaspar da Gama, judeu que foi obrigado a baptizar - se e outros que o Gama fizera prisioneiros e trouxe da Índia.

Impulsionados pela fé recebida, os marinheiros sentem - se reconfortados por alguns padres seculares e regulares. Entre estes há a destacar Frei Henrique de Coimbra que celebra a primeira missa em terras de Vera Cruz no dia 26 de Abril de 1500. Seriam ao todo oito os religiosos presentes na armada, mas cinco vão morrer em Calecute em 12 de Dezembro de 1500.

As pessoas seguiam em nove naus, três caravelas e uma naveta de mantimentos. Depois de partirem da terra de Santa Cruz chegaram ao Cabo da Boa Esperança, onde se afundaram os barcos comandados por Bartolomeu Dias, Aires Gomes da Silva, Vasco de Ataíde e Simão de Pina. A tempestade durou 20 dias. Quando chegam a Melinde só restam seis navios.

Para além das pessoas da armada é importante saborear o contacto com a natureza, descobrir as pessoas encontradas nesse Brasil misterioso de que fala Gil Vicente no *Auto da Fama*. Este auto foi levado à cena em 1510, ou mais tarde, talvez em 1515 ou 1516, segundo Aubrey Bell. Ao lermos a Carta com tanta beleza de pessoas e paisagens, temos a sensação de que *é difícil imaginar o Brasil*³⁸.

38 - Ver Charles Morazé in Pierre Rondiére, *Delirante Brasil*, Lisboa, Estúdios Cor, s/d.

5- A relação com o outro e a natureza

Quando os portugueses desembarcam em terras americanas deveria haver cerca de dois milhões e quinhentos mil aborígenes, embora haja opiniões que variam entre um milhão e cinco milhões³⁹. É esta população que vai ser objecto da particular atenção de Pêro Vaz de Caminha que se revela um grande etnógrafo e um grande retratista. Aos índios dedica metade das primeiras cinco páginas. Ao ver os habitantes das terras a que chegavam, Caminha compara - os com os negros da Guiné e não com os europeus. No dia 24 de Abril dois mancebos são trazidos a Cabral. São pardos, todos nus com bons rostos e narizes largos e chatos, cabelos corredios.

Se compararmos esta descrição com outras verificamos que há grandes semelhanças. A Reacção do piloto anónimo de 1500 fala de homens que *são baços e andam nus sem vergonha, têm os seus cabelos grandes e barba pelada*. Em 1503 Valentim Fernandes escreve a propósito dos índios que *Os homens são de cor baça, de cabelo preto, comprido e corredio, como os etiopes (os africanos) que habitam no mesmo paralelo*. Algum tempo depois, em 1530, Pêro Lopes de Sousa pormenoriza: *A gente desta terra é toda alva, os homens mui bem dispostos e as mulheres mui formosas*. Em 1553 o cronista João de Barros fala de *gente nua, não preta, e de cabelo torcido como a da Guiné, mas toda de cor búça e de cabelo comprido e corrido*. Damião de Góis em 1566/1567 escreve que *Há gente desta prouinça he baça, de cabelo preto, comprido e corredio, sem barba de mea estatura*. Pêro Magalhães Gândavo em 1576 faz sensivelmente o mesmo retrato: *Estes índios sam de cor baça e cabelo corredio: tem o rosto amassado e algumas feições delle à maneira de Chins*.

Há outros retratos muito semelhantes. *João de Barros e Valentim Fernandes têm como termo de comparação a gente da Guiné ou os etiopes*.

39 - Ver Jorge Couto, *A construção do Brasil*, Lisboa, Cosmos, 1995.

Curiosamente, Gândavo compara os índios com os chineses, o que nos leva a supor que teria vivido na Índia onde teve a oportunidade de conhecer alguns chineses. Talvez o cronista pensasse simplesmente no Oriente ao descrever os habitantes do Brasil, como sugere Jorge Couto.

Não são fanados, diferindo nesse aspecto dos guinéus islamizados. Tal facto leva a supor que *nenhuma idolatria, nem adoração têm*, como escreve o autor ao recordar a missa que teve lugar no dia 30 de Abril. No dia seguinte aparecem raparigas de cabelos muito pretos e compridos. Não faltam retratos de homens e mulheres, anotando a pintura dos corpos, o adorno dos lábios, o enfeite com penas, a pintura dos corpos. Esta visão há - de permanecer em tempos posteriores como testemunha a peça de teatro de Lope de Vega intitulada *El Brasil restituído*, onde se fala da recuperação do Brasil após a invasão holandesa. Nesta obra o Brasil é representado por uma dama Índia, com uma roda de plumas e uma flecha dourada como um dardo⁴⁰.

O autor da Carta é um grande artista, servindo - se de cores variadas e cambiantes de luzes para pintar os corpos onde salienta os cortes labiais, as tatuagens, os adornos e especialmente as plumas que embelezavam. *Caminha não discerniu, portanto, nas cores e formas da tatuagem nem no plumado [...] a informação por eles transmitida e que, seguramente, tinham a ver com a organização cultural e social desse povo*⁴¹. Os índios não revelam uma organização hierárquica e são *vagabundos e esquivos* como pardais. O autor não se esquece de anotar o meio em que vivem. O degredado Afonso Ribeiro dá - nos preciosas informações sobre as casas que habitam e que são grandes, sem compartimentos e com redes para descansar.

Para além das pessoas sabe descrever com pormenor e exactidão alguns aspectos dignos de nota. Em 21 de Abril vêem sinais de terra. No dia seguinte

40 - Ver Lope de Vega *Comédias Americanas*, Buenos Aires, Ed. Poseidon, 1943, p. 183.

41 - Salvato Trigo, *Finsaios de Literatura comparada, afro - luso - brasileira*, Lisboa, Vega, p. 117.

contemplam ao longe um monte a que dão o nome de monte Pascoal e à terra o nome de Terra de Vera Cruz, por relações de ordem litúrgica, pois a visão teve lugar 3 dias após a festa da Páscoa. No dia 28 lavam a roupa e fazem uma cruz que há - de presidir à celebração da primeira missa em terra firma. Para o acto religioso houve que utilizar um altar que é referido. Não falta a pregação a cargo do franciscano Frei Henrique de Coimbra que celebrou a missa. Seguiu - se uma devota procissão. Os indígenas deslocam - se para ver a cruz.

Eles não conhecem instrumentos de ferro e usam pedras para talhar a madeira. As pontas das setas são feitas de canas aparadas e as almadias são construídas com traves atadas entre si. Não têm agricultura e pecuária. Comem o que a terra dá. De resto, como observa Caminha, eles *não lavram, nem criam, comem inhame [...] frutos que a terra e as árvores de si lançam.*

O autor sabe transmitir pormenores com raro sentido de objectividade e encantamento. As moças são muito belas, com os corpos pintados e sem medo de suas vergonhas. Uma jovem assiste à missa e fica espantada quando vê que lhe cobrem o corpo com um pano. Uma outra mulher traz o filho às costas. Um índio acolhe Afonso Ribeiro enquanto um outro diz aos seus amigos para se afastarem. Um velho de lábios furados oferece uma pedra verde. Dois jovens são hóspedes do Vice - Comandante Sancho de Tovar. Um outro ancião de 50 ou 55 anos manifesta adesão religiosa após a missa. Usam ornamentos nos lábios e adornam - se com penas.

Andam muito mais em grupo do que sozinhos. Logo de início se fala de 7 ou 8 índios, para depois se dizer que aparece um grupo com cerca de 18 ou 20. Ao todo deveriam ser uns 300 ou 350 .

Podemos certificar que os índios se revelam *gente boa e de boa simplicidade.* É gente graciosa que baila e canta com muita alegria. Gente generosa, bondosa, que cria amigos. Os índios são naturais, espontâneos, gregários e fáceis para o diálogo. Mostram - se tão naturais e inocentes que não tapam suas vergonhas. Imitam facilmente alguns gestos que se utilizam para comunicar. *São muito mais*

nosso amigos que nós deles, confessa o narrador.

Todos estes aspectos ajudaram a criar o mito do *bom selvagem*. Aliás, como diz Silva Dias, *Corre mundo desde longa data a teoria da participação portuguesa na génese do mito do «bom selvagem»*⁴². Este mito continuaria a ser aceite e consolidado por escritores como Rousseau, Montaigne, Lafitau e Diderot. Mais tarde começaram a circular observações que se julgavam mais objectivas. Para Cardim *o índio é um ser humano que vive no seu habitat, com os seus defeitos, mas também com as suas qualidades*⁴³. Posteriormente os colonizados haveriam de transmitir de modo cuidado alguns aspectos dos costumes dos índios procurando interpretá-los⁴⁴.

Aos poucos, no entanto, começou a surgir uma outra visão dos gentios. Damião de Góis na sua *Crónica do Felicíssimo rei D. Manuel*, (1576) mostra - se um tanto optimista sobre o estado natural do índio, chamando - lhes, no entanto, gente bárbara e inculta. Gândavo qualifica - os de inconstantes, pusilânimes, cruéis, desumanos, desonestos, vingativos, dados à sensualidade, e desagradecidos.

O mito do bom selvagem continua a ser em parte desfeito. Afonso de Sousa dá conta de ferozes combates entre dois grupos de tupinambás. Soube - se mais tarde que os índios tinham práticas de canibalismo alimentar e antropofagia ritual. Todas estas informações foram fornecidas por jesuítas e de modo particular por Manuel da Nóbrega, com as *Cartas* enviadas ao Provincial da Companhia de Jesus⁴⁵. A ideia do bom selvagem foi - se esbatendo progressivamente ao longo

42 - J. S. da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a problemática cultural no século XVI*, Lisboa, Editorial Presença, 1982, p. 213. Ver de modo particular o capítulo VI da referida obra intitulado *Os portugueses e o mito do bom selvagem*, com as subdivisões: *O mito na sua estrutura e na sua história*, *O índio bestial - pintura jesuítica* e *O índio bestial - pintura laica*, pp. 214 a 238.

43 - Ana Maria de Azevedo, «O Padre Fernão Cardim e o seu «olhar» da terra e gentes do Brasil quinhentista», in *Cadernos Históricos*, Comissão municipal dos descobrimentos, Outubro 1977, p.68.

44 - Ver a este propósito M. C. Osório Dias, *O índio do Brasil na Literatura Portuguesa dos Séculos XVI, XVII e XVIII*, Tese de Licenciatura, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1961, pp. 41 - 51.

45 - *As Cartas Jesuíticas* foram publicadas pela Academia Brasileira de Letras. Em 1931 apareceu uma edição na Oficina Industrial Graphica e em 1988 uma nova edição da responsabilidade da Universidade de S. Paulo.

dos tempos. *Com a conquista e colonização, perdurará a ideia da natureza incontaminada, enquanto a imagem do «outro» se irá degradando progressivamente, até pela resistência oferecida ao programa de assimilação*⁴⁶. Mas o retrato do bom selvagem será mais facilmente compreendido se virmos a circunstância que o rodeia, a natureza onde habita.

A terra descoberta aparecia no horizonte dos portugueses como um novo paraíso terreal. Os olhos contemplavam um novo mundo, rico, pleno de beleza e encantamento. Nos vales e outeiros tudo é possível, porque o húmus é generoso. O mesmo escreverá mais tarde Pêro Magalhães de Gândavo ao notar *a fertilidade e abundância da terra do Brasil [...] porque a mesma terra he tam natural e favoravel aos estrangeiros*⁴⁷. Mais tarde escreverá Anchieta que *Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques e não se vê em todo o ano árvore e nem erva seca*.

Na selva as árvores são grandes e altas, *de infindas maneiras* e de *tantas prumagens*. Há variados tipos de árvores que dão deliciosos frutos. Os pássaros encantam com as suas melodias e fascinam pela cor das suas penas. Os ares são puros e as águas refrescantes. As cores emprestam à paisagem uma tonalidade desconhecida, enquanto uma luz divina se escoia por entre o verde das ramagens.

A propósito do mundo vegetal relembra Jaime Cortesão *que são escassas as suas precisões de ordem botânica*. Na *Carta* são referidas as palmas ou palmeiras, os ouriços verdes de urucu, os carazes, as canas de que se fazem setas, as almécegas. São completamente novos alguns alimentos, as tinturas utilizadas, a cera dos cabelos, as pontas das setas.

Se nos referirmos ao mundo animal encontramos esqualos, berbigões, amêijoas, camarão grande. O autor fala de rolas *que alguns dizem que as viram, mas eu não vi* e de pombas seixas, *bastante maiores que as de Portugal* e de pegas. Causam

46 - *A Literatura de viagens nos séculos XVI e XVII (Apresentação crítica, seleção e fixação do texto de Manuel Simões*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1985, p. 14.

47 - Pêro de Magalhães de Gândavo, *Tratado da província do Brasil*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965, p. 59.

admiração os papagaios vermelhos muito grandes, os verdes e formosos, a arara vermelha, o pequeno tuim. Ao todo aparecem na *Carta* doze aves diversas. Entre elas são os papagaios que se destacam, pois o Brasil é visto como Terra de papagaios e no mapa de Cantino de 1502 vemos o Brasil rodeado de araras.

Tudo é diferente. Diríamos que estamos perante um *paraíso terreal* recuperado. *Ao contrário desse mito geográfico que os cartógrafos medievais situavam no Extremo Oriente, o mundo descoberto pelos Portugueses era outro Paraíso, onde nascera outro Adão, mais do que nunca sedento dos frutos da árvore da Vida e da Ciência*⁴⁸.

Nova pelo seu dinamismo foi também a afirmação de fé dos portugueses e o seu desejo de evangelizar, como vamos ver.

6 - O sentir religioso e ânsia de evangelização

A *Carta* que é ao mesmo tempo documento e monumento serve de testemunho do encontro do português e do índio e expressa os primórdios de uma cultura que haveria de deixar marcas ao longo do tempo. Entre alguns aspectos dessa cultura há que reconhecer uma procura de desenvolvimento económico para o qual *a monarquia portuguesa adoptou três modelos diferentes para colonizar o Brasil*⁴⁹. Prevalece, no entanto, um sentir religioso muito forte de que Caminha dá testemunho. Luís Filipe Barreto chega mesmo a afirmar que *A ideologia religiosa é, para Caminha, o lugar mais importante nessa contaminação do Outro em Mesmo*⁵⁰.

Na armada seguiam nove padres seculares e oito frades da Ordem de S. Francisco, com estes nomes: Gaspar, Francisco da Cruz, Mafeu, Simão de

48 - Jaime Cortesão, *História dos descobrimentos portugueses*, Lisboa, Círculo de Leitores, s/d. p. 347.

49 - Jorge Couto « Os modelos de colonização do Brasil na primeira metade de quinhentos » in *A Universidade e os descobrimentos*, Lisboa INCM, p. 172.

50 - Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento*, Lisboa, INCM, 1983, p.178.

Guimarães, Luiz Salvador, Pedro Neto e Frei João de Vitória, frade leigo. Durante a estadia em terras reconhecidas os portugueses assistem a uma missa no dia 26, tendo para isso levantado uma cruz no dia anterior. No dia 1 de Maio participam em nova missa, com a presença de alguns indígenas, entre ao quais se distingue uma jovem completamente nua que os portugueses cobriram com um pano e um ancião que se abre à fé cristã.

A *Carta* não deixa de salientar uma visão por muitos aceite de que as descobertas se faziam *não tanto para dilatação do nosso império, como para expansão das nossas crenças, [...] o dinheiro servia para exterminar da terra a raça dos infiéis* no dizer de Damião de Góis⁵¹. A *Carta* é, no entanto, não só um testemunho do sentir religioso dos cristãos presentes, mas também uma profecia e um *instrumento de fé*, no dizer de Leonardo Arroyo⁵².

O autor tem dos índios a mesma visão que dá a conhecer o descobridor da América Cristóvão Colombo. Depois de salientar que os índios eram bem feitos, com belos corpos e agradáveis de figura, dá uma opinião muito pessoal. *Je suis persuadé qu' ils se convertiraient à la foi chrétienne sans difficulté, car je crois qu' ils n' appartiennent à aucune secte*⁵³.

Caminha nota que os índios não são fanados, isto é circuncidados, logo não seguem a religião judaica ou muçulmana. Estão por isso mais abertos à evangelização. Os gentios apresentam - se muito diferentes dos que professam o maometismo. Proclama imediatamente que há uma obrigação de os converter, afirmando ao rei que para além dos frutos de ordem económica, *o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. É este deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar*. Todos os comentadores da *Carta* salientam

51 - Damião de Góis, *Opúsculos Históricas*, Lisboa, Livraria Civilização, p. 86.

52 - Ver Leonardo Arroyo, *Pêro Vaz de caminha - Carta a El - rei D. Manuel*, S. Paulo, Dominus, 1963.

53 - Christophe Colomb, «*Lettres*» in Jean Pierre Vivet, (dir.), *Les mémoires de l' Europe, II - Le Renouveau Européen*. 1453 -1600, Paris, Robert Lafont, 1971, p. 178.

este interesse religioso manifestado por Caminha. Joaquim Barradas de Carvalho realça os fundamentos da petição de Caminha ao rei português. *É ainda, e por fim, a inocência dos indígenas que o leva a solicitar ao rei medidas para a evangelização, sublinhando que essa seria a principal missão de um rei muito cristão*⁵⁴. Nas mesmas razões se apoia Veríssimo Serrão escrevendo que *Fazia - se também mister semear o ideal cristão entre os aborígenes de quem o escrivão elogia a virginal candura como seres fraternos da criação bíblica*⁵⁵.

Esta mesma necessidade de evangelizar é bem expressa por Damião de Góis. Na *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel* o autor afirma convictamente *haver já muitos que se conuerterão à fé de nosso senhor Jesu Christo*⁵⁶. Gândavo na sua História da Província Sãcta Cruz (1576) salienta uma atitude de que dá conta Manuel da Nóbrega, afirmando que *muitos fogem pera o sertam, depois de baptizados e instruidos na doutrina Christã*⁵⁷.

Ora esta semente vai ser lançada na terra brasileira, por acção de ardentes missionários, sobretudo jesuítas que hão - de dar a sua vida em defesa dos princípios que sustentam as suas vidas. Deles escreveu Castro Alves:

Grandes Homens! Apóstolos heróicos!...

Eles dizem mais do que os estoicos:

«Dor - tu és um prazer!

O morte, - és o viver

O território é atribuído à Ordem de Cristo em 12 de Junho de 1514. Depois, com a criação do bispado do Funchal que engloba todas as terras a sul do

54 - Joaquim Barradas de Carvalho, *A la recherche de la spécificité de la renaissance portugaise*, Paris, F. C. G. Centre Culturel Portugais, 1983, p. 361.

55 - Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, Vol. III, (1495 - 1580), Lisboa, Verbo, 1980, p. 196.

56 - Ver de modo particular parte I, capítulo LVI.

57 - Ver de modo particular os capítulos 10, 11, 12, 13.

Equador, o Brasil passa a pertencer a esta diocese. D. Manuel envia alguns padres arrábidos para atender os colonos. Manuel da Nóbrega ficará célebre pela sua múltipla actividade, como salienta Serafim Leite⁵⁸. Com uma acção extraordinária também se notabilizou o P.e Anchieta. Foram os jesuítas que mais contribuíram para a evangelização apoiados em virtudes como a pobreza, a castidade, o espírito de sacrifício e o amor do próximo. Para além da propagação da fé procuraram levar o ensino a todos os jovens, fundando escolas, como o Colégio dos Meninos de Jesus e o Colégio de Jesus na Baía. A escola era para todos, juntando europeus e índios como observa Robert Sauthey. Anchieta escreve mesmo a *Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Um outro aspecto muito relevante foi tentarem criar modos de aculturação, aproveitando algumas tradições das gentes. Aspilcueta escreve um catecismo em tupi e faz uma liturgia utilizando ramos de palma. Pedro Magalhães Gândavo há - de elogiar os jesuítas pela acção determinada, obras corajosas, e espírito de sacrifício.

Esta breve visão de valores culturais de que a *Carta* nos dá conhecimento ficaria incompleta se não associássemos ao estilo o pensamento, como defende Antoine Compagnon, referindo - se à *tradition linguistique romantique et postromantique allemande qui [...] identifiait langue, littérature et culture*⁵⁹. Impõe - se por isso que falemos da linguagem, do estilo da *Carta*.

7 - O valor Literário

A *Carta* de Pêro Vaz de Caminha apresenta múltiplos valores. Há preciosas informações sobre a pujança do arvoredo, a fauna desconhecida, a fertilidade da terra. O autor canta também os hábitos e os costumes, a simplicidade e a candura dos nativos. Não esquece as pinturas, os adornos,

58 - Ver P.e Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo II.

59 - Antoine Compagnon, *Le démon de la théorie*, Paris, Seuil, 1998, p.198.

A *Carta* não é, no entanto, simples relato de um acontecimento, mas uma obra de rara beleza literária. José Osório de Oliveira ao iniciar a sua obra sobre a literatura brasileira começa com um estudo a que dá como título *Batismo Literário* e afirma que *Pêro Vaz de Caminha escreve a primeira página literária sobre um mundo inteiramente novo para os olhos europeus. É a certidão de batismo de um imenso país*⁶⁰. Talvez por esses motivos é que os brasileiros preferem falar dos 500 anos da existência do Brasil do que referir o momento da descoberta do seu país. Para os brasileiros a *Carta* é o *auto do nascimento do Brasil*.

Jaime Cortesão chama a atenção para o facto de que a *Carta pertence a um género, o mais vivo, próprio e original da literatura portuguesa: as narrativas de viagem*⁶¹. Diz, no entanto, que a *Carta* vai muito além de um simples diário, pois com um *naturalismo discreto, e equilibrada pureza do gosto, de sabor humanista*, conseguiu deixar - nos uma informação admirável sobre um mundo desconhecido. Yasuhiko Sano em análise que intitulou *Em torno do estudo da Carta de Pêro Vaz de Caminha*, diferencia vários modos de literatura de viagens e precisa que a *Carta* pertence ao terceiro género, isto é *Diário de bordo*. De qualquer modo importa salientar com Jaime Cortesão que a *Carta de Caminha é um clássico*⁶².

Desçamos, no entanto ao particular, focando antes de mais a formulação do tempo, ou melhor dos tempos. O autor utiliza o presente no exórdio, na conclusão e quando se dirige ao rei D. Manuel que é o seu interlocutor. Deste modo valoriza de modo particular as suas intenções. No resto do texto utiliza o pretérito para contar a história. O tempo vivido, ou melhor a temporalidade é apresentada de modo explícito, quer lembrando as horas de alguns factos, quer precisando os períodos do dia, e concretamente a manhã, a véspera ou a noite,

60 - José Osório de Oliveira, *História breve da literatura brasileira*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939, p. 7.

61 - Jaime Cortesão, *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, L.tda, 1943, p. 15.

62 - Jaime Cortesão, op. ci. p. 53.

quer determinando os dias do mês, ou os dias da semana⁶³.

O autor pretende ser objectivo, contando o essencial, sem digressões inúteis, mas sem esquecer o pormenor. Comporta - se como um etnólogo quando se refere às *moças bem moças e bem gentis, com cabelos pretos, compridos, pelas espáduas* No fim da Carta escreve mesmo: *Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra vi, e se algum pouco alonguei, Ela me perdoe, porque o desejo que tinha de vos dizer mo fez assim pôr pelo miúdo.*

Caminha não deixa de escrever com imaginação e sensibilidade. O acto de escrever é para o autor a arte da coreografia, utilizando a gramática do sentido. A Carta é um documento que tem algo de poético, como recorda Oswald de Andrade. Para além do que diz, há o não dito, a admiração contida, a imaginação criadora, sem destruir a verossimelhança possível. Trata - se de um texto em que nada é previsto e por isso seduz o leitor que não se cansa de procurar horizontes desconhecidos.

O predomínio da pintura e da cor faz - nos lembrar Fernando Pessoa no seu poema *Horizonte*:

*Mais perto abre - se a terra em sons e cores
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só de longe.A abstracta linha⁶⁴.*

É tudo tão encantador que poderíamos dizer que *L'Amérique est ici ou nulle part*, na síntese de Novalis. Começa aqui a sensibilidade brasileira que tem o paradoxo de não existir.

63 - Ver Manuel Simões, *A literatura de viagens nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1998, pp. 13 e 14.

64 - Fernando Pessoa, *op.cit.*, p.78.

Ao lermos o texto temos a sensação de que se há um paraíso na terra, é aqui que ele se encontra, como confessava um jesuíta em 1560.

Ao longo desta reflexão tentámos mais compreender do que explicar. É que a compreensão procura a totalidade, enquanto a explicação se restringe a factores circunstanciais e concretos.

O que mais nos fascina nesta *Carta* é o facto de o autor relatar os acontecimentos com uma atraente simplicidade, um grande sabor, uma precisa enumeração de pormenores, modos de vida e ambientes que tornam a *Carta* um documento de inegável valor etnográfico e histórico. *Não representa apenas uma fonte histórica, mas o próprio « documento » transformado em história*⁶⁵. É mesmo o primeiro relato antropológico que se conhece na literatura portuguesa.

Mas o documento serve igualmente para outros povos, pois *é também um dos registos mais comoventes da surpresa europeia perante o encontro de seres humanos que para o autor e os seus companheiros se encontravam num estado flagrante da idade da inocência*⁶⁶. Mas não são só as informações que são novas. Nova é a atitude ao autor, das suas observações e caminhos. Nova é a visão da Europa perante um horizonte acabado de desvendar. Com a ida dos portugueses às Terras de Vera Cruz torna-se possível *o choque psicológico da inteligência europeia, confirmando - a no sentimento talvez obscuro de que a vida começava de novo sobre a Terra*⁶⁷.

Devemos ainda salientar que é mais uma voz a dizer a todo o mundo a prioridade dos portugueses nas descobertas. O investigador Sem Dresden acentua esta acção primordial dos portugueses e da sua influência na cultura europeia. *Graça às empresas, primeiro dos Portugueses e depois dos Italianos e de muitas outras nações, a Europa ouviu falar de terras, povos, costumes e religiões de cuja existência*

65 - Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, Vol. III (1495 - 1580), Lisboa, Verbo, p. 196.

66 - Vasco da Graça Moura, «Sobre a Carta de Pêro Vaz de Caminha» in *Diário de Notícias*, op. cit.

67 - José Sebastião da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1973, p. 10.

*nunca suspeitara*⁶⁸. Caminha comporta - se paradoxalmente de modo individual e colectivo. Há nele vibrações muito pessoais, sem deixar de ter uma perspectiva universal. Uma outra qualidade relevante é o facto de ser objectivo e imaginativo. Ao referir - se às pessoas e às coisas procura transmitir o real. Não se esquece de pela cor e pelo som nos dar a impressão do novo e do diferente. Tal preocupação com o referente não o impede de por vezes entrar no mundo da ficção que não é mais do que uma outra expressão do real, ou se quisermos o autêntico real, como recorda Paul Ricoeur.

A natureza é idílica, levando - nos a imaginar o paraíso terreal, procurado desde tempos antigos, passando pela Idade Média, até chegarmos a Cristóvão Colombo. Vivemos no tempo presente, com uma marcação objectiva dos dias dos meses e da semana. A cronologia é, no entanto, completada por uma coreografia sobretudo no descrever das manhãs e das tardes. Os índios são vistos em toda a sua inocência, daí nascendo o mito do bom selvagem, mais tarde negado pelos primeiros missionários que tiveram conhecimento dos seus hábitos reais, sobretudo da antropofagia.

Não são descuradas as preocupações económicas dos marinheiros e da coroa portuguesa. Os marinheiros tentam saber se há ouro e prata naquelas paragens. A terra muito bela, com árvores frondosas e bons ares, é capaz de dar tudo.

Os olhos abrem - se para realidades futuras, dando sugestões para acções a desenvolver, sobretudo a evangelização de gentes que não professam a religião do livro e por isso não são circuncidadas. A evangelização aparece, pois, como uma das motivações essenciais da descoberta.

Perpassa pela *Carta* uma atmosfera de beleza e encantamento e quase nos interrogamos se estamos perante um mundo real ou imaginado, já que *Les pays les plus merveilleux sont ceux qui n' existent pas*⁶⁹.

68 - Sem Dresden, *O Humanismo no Renascimento*, Porto, Inova, s/d, p. 186.

69 - Francis Lacassin «Préface», in *Voyages aux pays de nulle part*, Paris, Robert Laffont, 1990, p. 1

A partir do achamento do Brasil, na síntese do Padre Fernão Cardim, *outro Portugal nasceu*, em variados aspectos, sobretudo económico, religioso e cultural. A arte alargou os seus motivos de inspiração. No *painel da Anunciação* existente em Viseu, no Museu Grão - Vasco, contemplamos o rei Baltazar transformado em ameríndio. E no *Inferno* existente em Lisboa, no Museu das Belas Artes, vemos Lúcifer transformado em chefe índio, castigando em nome de Deus a corrupta sociedade europeia⁷⁰. A carta é um documento fundador, a primeira reportagem da nossa cultura ultramarina que serviu de base a outras apreciações e interesses. Por estes motivos a Carta vive à beira do intemporal.

Resta - me terminar recordando que para os Surará do Norte do Brasil a lua é mais importante do que o sol. *Ils disent que l' astre du jour est seul dans le ciel, tandis que l' astre de la nuit jouit de la compagnie d' innombrables étoiles*⁷¹. Se aquilo que eu digo se assemelha ao astro da noite os leitores são as estrelas que iluminam esse Brasil imenso que será sempre uma terra por achar.

70 - Ver Fernando B. Pereira, *História de arte em Portugal*, vol. 6, Lisboa, ALFA.

71 - Claude Lévi - Strauss, *Antropologie structurale - deux*, Paris, Plon, 1973.